

Para um encontro com o poeta Alfredo Pimenta (*)

Meus Senhores:

Numa releitura de certos poetas portugueses relegados, por hábito ou por ignorância, para o arquivo dos defuntos e ausentes, eu haveria, fatalmente, de deter, entre os dedos rebuscadores, o verbete de Alfredo Pimenta. Voltar a arquivá-lo, de imediato, ao recordar a fadiga de alguns poemas interminavelmente monótonos pela insistência de rimas pobres e pela frouxa inspiração? Ou sacudi-lo das cinzas tumultuares, analisá-lo com atenta compreensão, ao recordar alguns poemas de inequívoca beleza e originalidade? A opção só pode ser uma, pois a mim basta-me um bom poema para justificar a existência do poeta, seu autor. E Alfredo Pimenta não compôs apenas um; mas muitos, dignos da nossa admiração e das páginas de uma História da Poesia Portuguesa que mereça esse nome.

Imaginou e realizou, um dia, Manuel Bandeira uma antologia poética com características peculiares: ela não recolhia os habituais nomes brasileiros consagrados, mas sim as obras daqueles que, embora de fraco mérito global, tinham sido, uma vez ou outra, capazes de criar verdadeira e alta poesia. E a estes chamou Bandeira, com invulgar propriedade, «poetas bissextos». Pois, quanto a mim, é Alfredo Pimenta um autêntico poeta bissexto. Creio que bem acompanhado, no parnaso português por, por exemplo, Gomes Leal — também este tão irregular na sua produção, ainda que subindo mais alto e descendo mais baixo. (Estou a lembrar-me do génio de Camilo a comentar o génio de Gomes Leal, sumido na maioria dos versos do seu alucinante *Anti-Cristo*: «Uma bebedeira de 350 páginas».)

(*) Conferência proferida pelo autor, a convite da Câmara Municipal de Guimarães, durante a sessão solene realizada no Salão Nobre da Sociedade Martins Sarmento, na noite de 3 de Dezembro de 1982, em comemoração do 1.º Centenário do Nascimento de Alfredo Pimenta.

Todavia, ainda que bissexto, publicou Alfredo Pimenta, ao longo da sua vida (infelizmente, não muito longa), onze livros de poemas, de 1904 a 1941.

De facto, em 1904, estreara-se o poeta num volume que, pelo título, narcisista e megalómano, bem como pelo formato, recordava o livro de Nobre, o fascinante *SÓ*, por essa altura já em 3.^a edição. Chamava-se *Eu* o conjunto de poesias dedicadas a Guerra Junqueiro — que não homenageavam, decerto, o lírico d'*Os Simples*, mas sim o impiedoso satírico de *A Velhice do Padre Eterno* e do *Finis Patriae*. Aliás, manteve Alfredo Pimenta, através da sua existência, uma firme admiração por Junqueiro, ainda que já afastado do anticlericalismo que lhe marcou as primeiras produções poéticas.

No preâmbulo do *Eu*, onde se adivinha o pulso vigoroso do polemista mais tarde consagrado, o autor atacava, rábido, os seus confrades que, «doentes da beleza» (para utilizar o título de um romance do Visconde de Vila-Moura, o requintado estilista de Ansedo, de que não sei se ainda alguém está lembrado, ao menos do nome); que, «doentes da beleza», dizia eu, desdobravam, com soberano, altivo desdém, diante do leitor assombrado, os ricos e pesados ouropéis de uma escola literária importada da França de Verlaine e Jean Moréas, rutilante de rimas raras, de vocábulos invulgares, de ritmos e processos formais desconhecidos, de «músicas implorativas ou morosas»; tudo isto lançado, nefelibaticamente, do alto das nuvens inalcançáveis, «para raros apenas».

Para Pimenta, por essa ocasião, os poetas mais jovens seus contemporâneos não passavam de «meros tradutores de Cesário Verde e de António Nobre, misturando-lhes, por fastio e por «bibelomania», Camões e Bernardim Ribeiro». A quem visava? Muito possivelmente, Afonso Lopes Vieira. Mas só directamente citava dois: Eugénio de Castro, que considerava «opiado-artista-maluco», e António Corrêa d'Oliveira, apontado como «criançola». E, de todos, afirmava: «Não são idealistas; são bobos». E ainda: «Têm preguiça. Bocejam». Defensor da poesia *engagée*, dogmatizava: «A Arte sem um fim é um *chic*», glosando, neste primeiro livro, em versos escaldantes de intenção, mas (valha a verdade!) bem banais, os chavões da Escola Realista: a defesa da liberdade e da greve, a denúncia social da prostituição.

Logo no ano seguinte ao aparecimento do *Eu*, publicava Alfredo Pimenta um longo poema intitulado *Para a minha Filha*, que continuava revelando a mesma atitude do poeta perante a vida, nos con-

selhos que vai depôr no berço da filha. Eles expandem a sua oposição feroz à Igreja Católica:

*«Levar-te à Igreja? Para quê? — dizei
Almas escuras que falais em tal —,
Se, no primeiro beijo que te dei,
Te disse que não fosses pelo Mal?»*

*«Levar-te à Igreja, ao túmulo da vida,
A ti que és força radiante e bela,
É qu'rer levar à treva, de vencida,
A luz ardente dum ardente estrela...»*

*«É q'rer levar a tua alma ousada
Que há-de ser livre como a Natureza,
E deixá-la ficar acorrentada
A um poste de ignomínia e de baixeza.»*

*«Nessa água-benta que te dessem, qu'rendo
Lavar-te de impurezas que não tens,
Há todo um insulto, meu amor, horrendo,
Ao carinho santíssimo das mães.»*

*«E esse latim nocturno que escutasses,
Que quer ser belo e que não pode sê-lo,
Faria que mais tarde não olhasses
Com olhos bons o amor que te revelo.»*

*«E toda a soma dum burlesco enorme
Que assim acompanhasse o baptizado,
Ia afogar a força que em ti dorme,
Dizendo-te que és filha do Pecado.»*

*«Por isso, não irás, minha inocente,
Às mãos do padre para te benzer;
Hás-de viver, criar-te honestamente,
Sem teres mentiras que te vão prender...»*

E eles, os versos, exortam, igualmente, à luta pela Justiça e pela Verdade, «cantando alegremente os cantos da Anarquia».

Todos nós, se transviados, temos, tarde ou cedo, a nossa Estrada de Damasco. Alfredo Pimenta, continuando a lutar pela Justiça e pela

Verdade, foi encontrá-las, sim, na margem oposta à sua ideologia de 1904 e de 1905. Em termos de poesia, o «milagre» acontece anos depois do aparecimento de *Para a minha Filha*, com a publicação do seu terceiro livro de versos, *Na Torre da Ilusão*. A transformação é radical, do ponto de vista estético. Daí que o autor, entrevistado por João Ameal, em 1922, afirmasse: «Para mim, a minha obra de artista principia com a *Torre da Ilusão*. O que fica para trás, repudio-o. A partir da *Torre da Ilusão*, gosto sempre mais de cada livro que estou fazendo. Só concebo a criação de novas obras como uma ascensão incansável. No dia em que me convencer que o que escrevo hoje não é pelo menos tão bom como tudo o que fiz até agora, paro, termino, abduco...»

Na Torre da Ilusão vinha a lume em 1912. O espaço literário português estava, então, ocupado, galhardamente, pelas hostes d'A *Águia*, sob o comando saudosista de Teixeira de Pascoaes. (Não sem agressivos opositores, como Júlio Brandão, que manteve com o autor de *Marânus* uma tempestuosa polémica, ou melhor, uma saravada de insultos, de que ambos saíram diminuídos). Os ecos serôdios do Simbolismo prenunciavam, ainda hesitantemente, as vozes juvenis que *Orpheu* aglutinaria. Pessoa, nesse mesmo ano, teceria o elogio messiânico da nova poesia adivinhada nas páginas dos colaboradores da revista portuense e, já no ano seguinte, escreveria *Paúis*, gerador do irritante «paulismo» post-decadentista. Sá-Carneiro, em Paris, preparava-se para o seu livro *Dispersão*, onde, com «um pouco mais de Sol», seria a brasa que elevaria ao rubro o cadinho alquímico revelador de *Indícios d'Oiro*. À torre da ilusão pimentista, erguida na Coimbra doutora, não escalavam tais rumores de vanguarda. Dali, avistava-se, apenas, o arqui-opulento edifício onde Eugénio de Castro, por detrás da fachada primitiva, tinha já no bico da pena *modern style* o rigoroso verso dos classicistas. E a visão do sumptuoso edifício venerando, de tal modo seduziu o habitante da torre nefelibata que ele logo esquece (e em breve deles abjura) os credos patenteados nos seus dois primeiros volumes de poemas.

Por isso, da Arte dirigida, passa, numa passada decidida e larga, para o campo contrário, onde a Arte pela Arte acena. Assim é que, na «pequena conversa» intitulada *Palavras de Arte* que proferiu na noite de 24 de Fevereiro de 1916, para apresentar um concerto do maestro Ruy Coelho, Alfredo Pimenta declarava já:

«À arte só deve pedir-se emoção. Pedir lógica ou doutrinário à arte é profaná-la. A obra de um artista deve ser analisada independentemente das anteriores, e das hipóteses formuladas sobre

as futuras. As minhas afirmações estéticas, aquilo que eu possa produzir no campo da arte, nada têm que ver com as minhas concepções filosóficas ou as minhas tendências políticas, as minhas crenças religiosas ou os meus princípios morais. A obra de arte é só: não deve reflectir mais do que exclusivos propósitos de Beleza.»

E, em 1944, reafirma o esteta perfeito e convicto, independente do intolerante defensor dos regimes políticos autoritários: «O poeta quer-se livre, como o ar e como o Sol, como as ondas do mar e as águias do céu. Deixem-no cantar, como ele quiser, e o que quiser, guiado apenas pela sua sensibilidade, pelo capricho do seu estro. Não lhe ponham etiquetas; não o enquadrem, não o façam arauto de qualquer coisa, não lhe cortem as asas... Se ele se prestar a sujeitar-se à coleira, isso é com ele, e tanto pior para ele...»

Desta mudança radical iriam, também, beneficiar Eugénio de Castro, que Pimenta passa a reverenciar com um lucidíssimo ensaio, e António Corrêa d'Oliveira, por fim aceite como adulto. Lopes Vieira é que não foi perdoado. Julgo que muito raramente o poeta de *Pais Lilás*, *Desterro Azul* teve o apreço do poeta de *Na Torre da Ilusão*. É certo que, em 1922, in *Coimbra — poema de Saudade e Desafronta*, o autor comporia, a par de uma elogiosa evocação de Eugénio de Castro, a quem chama «o Príncipe dos Poemas», estes dois versos amáveis: «Ó Coimbra de Afonso, o mago Trovador / Do Naufrago a morrer num mar misterioso». Recorde-se, porém, que, no seu *Tratado de Versificação*, de 1927, Pimenta dá como bons exemplos de beleza formal versos de Corrêa d'Oliveira e de Eugénio de Castro, mas Lopes Vieira serve-lhe, apenas, para uma censura, e dele comenta: «O diabo é o homem!» E em 1942, numa carta que enviou a José da Mota Lopes, que, no jornal valenciano *O Minhoto*, defendia, contra o parecer de Alfredo Pimenta, a chamada *Tese da Infanta*, da autoria de José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira, escrevia estas palavras que, aliás, considero injustas: «Quanto ao Sr. Afonso Lopes Vieira, a sua autoridade é nenhuma. O Sr. Lopes Vieira é poeta — e nada mais.

«Fez bons versos; hoje, fá-los razoavelmente maus.»

No entanto, não deixava de reconhecer: «Mas tem gosto e larga capacidade para julgar versos. Nada mais.»

Eu digo que considero injusta esta opinião sobre o poeta de *Naufrago* porque, precisamente dois anos antes da carta de Pimenta, publicava Afonso Lopes Vieira um dos seus mais admiráveis volumes de versos: *Onde a terra se acaba e o mar começa*. Dois anos depois, era o mesmo escritor o alvo principal da mesma caneta acerada,

quando do conflito causado pela crítica ácida de Alfredo Pimenta a António Sardinha, o que motivou a reacção infeliz dos integralistas, à cabeça dos quais se encontrava Lopes Vieira. Ripostou-lhes Pimenta («Arde? É Pimenta. O que arde cura» — legenda que me recorde de ler sob certa caricatura do escritor, cuido que no jornal humorístico *Sempre Fixe*); ripostou-lhes com veemência camiliana, no seu folheto *António Sardinha e o grupo recreativo dos trinta-e-seis*.

É bem conhecido que a evolução de Alfredo Pimenta do anarquismo, do republicanismo, para a monarquia antiliberal, não foi rápida porque foi meditada e alicerçada em bases sólidas, indestrutíveis, inexpugnáveis. Talvez a sua evolução estética tenha sido menos morosa, precedendo, pois, a ideológica e quiçá acelerando-a, já que não me atrevo a sugerir que a inspirou. Atente-se que é em 1912 que o escritor abandona publicamente a poesia *engagée* dos livros *Eu e Para a minha Filha*, iniciando, com *Na Torre da Ilusão*, um percurso decisivo de poeta decadentista, proclamando os primores da Arte pela Arte. Ao passo que só em 1915 se dá o seu definitivo abandono das fileiras republicanas. Mais tardio, ainda, é o ruir do seu ateísmo e anticlericalismo. Apenas em 1916, no *Livro das Orações*, os vemos abalados e substituídos por um misticismo com laivos de cepticismo:

«Pois que não tenho fé que me acalente / (...) — Que possa consolar-me brandamente / Da minha torturada desventura / Levando a Fé ao coração dos mais!»

A partir destas duas datas (1912 e 1916), a obra em verso de Pimenta, tal como ele aspirava e confessara a João Ameal, mantém uma «ascensão incansável», ainda que sempre dentro da Escola escolhida.

Meus Senhores:

Creio ser Alfredo Pimenta o nosso mais acabado poeta decadentista e, sendo o último a chegar (pode bem dizer-se que, em 1912, a produção simbolista e decadentista cessara entre nós, ou fora já divulgado o seu melhor), foi o último a partir, em 1941, com os *Últimos Ecos de um Violino Partido*, onde se propaga, ainda, a lição verlainiana («*De la musique avant toute chose*»): «Versos são notas musicais apenas»; onde se assume, ainda, a atitude aristocraticamente nefelibata, «longe dos bárbaros», proposto por Eugénio de Castro: «Vivo num mundo de algodão em rama, / Entre alcatifas moles e almofadas; / Não ouço a voz que ao longe por mim chama, / Nem

o rumor das ruas agitadas». E esta quadra (repare-se!) inicia o derradeiro soneto do volume, em que o poeta mandou imprimir a data: 1941.

Que novidades traz Alfredo Pimenta à nossa Poesia? Poucas, de ordem temática; de ordem formal, algumas.

De facto, todos os símbolos e espaços utilizados pelos poetas decadentistas (nacionais ou estrangeiros), arrasta-os Pimenta para os seus versos (com mestria de metrificador e bom gosto estético, embora escolhendo rimas paupérrimas), onde espalha rosas cansadas de florir (e cansadas porque, já dizia Malherbes, elas apenas duram «o espaço de uma manhã» e os decadentistas preferem os poentes mórbidos e doirados à frescura rósea das auroras), e onde dá existência ao bestiário alimentado pelo Simbolismo e pelo Decadentismo, com preponderância para o cisne e para o pavão, qualquer deles muito apropriado aos cenários da Escola: as alamedas dos parques outonais, os lagos de águas plácidas. Repare-se: o pavão é uma ave excessiva, exorbita de cores e aparato, descerrando o espantoso e policromado leque da cauda. Pasma-se de haver, assim, na Criação, um animal tão decorativo, tão faustoso, tão inquietantemente belo. La Fontaine troça-lhe as patas grossas e deselegantes, dá-o como exemplo de vaidade, lembrando os pés de barro dos ídolos incensados. Mas a Arte Nova finissecular desenha-o, pinta-o delicadamente ao lado da mulher esfingética, de leve túnica helénica (a mitológica imagem de Juno e o pavão), subido o cabelo abundante, preso por largas fitas, uma languidez no perfil adelgado, à Sarah Bernhardt. Ele casa-se bem com a riqueza vocabular, o requinte das metáforas, o fulgor dos motivos desta poesia ensoberbada de esplêndido que é a simbolista e decadentista. O cisne, que até ali pouco servira em verso, salvo para comparar à escultura e brancura do seu colo a brancura e escultura do colo da mulher amada («colo de cisne»); o cisne, na Natureza predilecta dos simbolistas e decadentistas, pode ser negro, pressajoso (tal aquele do bailado *Lago dos Cisnes*, composto pelo esteta Tchaikovsky), em vez de branco, wagnerianamente branco, como o de Lohengrin. Alfredo Pimenta descreve-os: «E nos lagos sombrios e dormentes, / Bóiam os cisnes negros, devagar». Herdam os cisnes (como herdaram muito mais da Escola Decadentista) alguns poetas que *Orpheu* acarinhou: São os «dois cisnes brancos mortos na lagoa», visionados por Alfredo Guisado; são aqueles cisnes que, «quando se contavam, / crescia sempre mais um...», já que a princesa, «vestida de nua», se banhava entre eles, como nos descreve, no seu primeiro livro, o poeta Cabral do Nascimento.

Quanto aos pavões... ouviu-os a *Salomé* de Eugénio de Castro cantar «à luz da lua merencória»; António Patrício recorda-lhes os gritos, «na tarde extinta» («gritos lancinantes», na «Lírica de Outubro», de António Sardinha); Fernando Pessoa, no poema «Hora Absurda», repassado de um clima decadentista, suspira: «Já não há caudas de pavões todas olhos nos jardins do Outono...» E Pimenta faz com que passem, sonâmbulos, cansados, nos inevitáveis parques adormecidos. (Pouco tempo depois, na revista *presença*, António de Navarro, descendente dos órficos, inventa um «pavão azu», modernista, espalhafatoso.)

Entre cisnes e pavões, deambulam princesas e imperatrizes, saídas de ogivas medievais, ou de castelos arruinados, descobertos pelo Romantismo, mas entregues à inspiração decadentista por Gomes Leal, quando os celebra assim: «Paira em tudo o silêncio e o lúgubre abandono / Das cousas que já estão dormindo o grande sono». E quando, poeta, «só ele sabe os ais e os gemidos das portas, / — E inveja, às vezes, ser o pó das cousas mortas!»

Alfredo Pimenta não deixou de cantar, como atrás assinali, todas estas paisagens doentias, toda a vaguidade solene, heráldica e hierática, destas personagens gratas à Escola literária de que é, insisto, o derradeiro discípulo. Fê-lo um tanto monotonamente, é certo, pela repetitiva utilização das rimas em *ente* e em *ar* (que, suponho, lhe pareciam interpretar dolências e fadigas ou lhe davam a sugestão da balada ou rimance tradicional português, mas o afastavam da lição de Eugénio de Castro, que exigia «rimas raras, rutilantes»). No entanto, este pomposo desfile de símbolos antigos e antiquados some-se, por vezes, numa névoa densa, para dar lugar à vivacidade e garridice de um tema popular de raiz mais nossa, a palpitar nas sílabas da redondilha.

É que Alfredo Pimenta é minhoto, nascido em Guimarães, e a realidade da sua pátria-*chica* não se lhe diluiu no coração. Por isso, «Romarias, Vindimadas, / Desfolhadas, Arraais, / Procissões e Consoadas, / Magustos e Lagaradas», são recordados pelo poeta com precisão enterneçada, saboreado o seu pitoresco:

«E, às vezes, de repente,
Ergue-se grande rumor:
Há paus no ar. E um valente
Investe com toda a gente,
E faz um claro em redor.

*«Mas tudo passa depressa,
E tudo se apazigua...
Pancadas numa cabeça?
Não vale a pena! Ora essa!
E o arraial continua!»*

Os livros de Alfredo Pimenta mais intensamente decadentistas, onde todos os temas e processos habituais da Escola mais são exaltados e seguidos, onde mais proliferam os pavões nos parques, os cisnes nos lagos, a poeira e as sombras nos palácios em ruínas, as jóias nos dedos de infantas ou nas vitrinas dos museus, são *Paisagem de Orquídeas*, de 1917, e *O Livro das Sinfonias Mórbidas* (para mim, a sua obra-prima de Poesia), de 1920. Também, em ambos, o autor expõe inovadoras experiências formais, o verso cadenciadamente preguiçoso de 19 sílabas, que introduziu na poesia portuguesa, pois, dele, não foi, realmente, inventor, já que o poeta latino-americano José Asunción Silva, morto em 1896, o empregara no seu poema *Nocturno*, excelentemente traduzido por Manuel Bandeira, e que considero um dos mais belos da Literatura Universal; *«Oh las sombras que se buscan en las noches de tristezas y de lágrimas!»* A diferença reside no facto do verso de Asunción Silva se poder fraccionar em versos de três sílabas, ao passo que o verso de Pimenta: *«Naquela noite que a sombra densa tornava fria, desconsolada»*, só se poder fraccionar em versos de quatro sílabas.

É, todavia, in *Paisagem de Orquídeas*, que o esteticismo do poeta atinge os cumes, que o seu egotismo mais se impõe. Mas é, precisamente, num poema desta obra, intitulado *«A Morte de Narciso»* (e que o leitor distraído julgará ser a apologia perfeita desse egotismo exacerbado), que vamos descobrir sinais claros de que Alfredo Pimenta tem consciência dos males espirituais que afectam quem se auto-estima em demasia. Eis o poema:

*«Numa tarde de cansaços e de sonho doentio,
Quando as flores sacudidas são saudades a voar,
Foi Narciso, aborrecido, para junto do seu rio,
Para junto do seu rio, ver as águas a passar.*

*«Nunca vira noutros olhos os seus olhos graciosos,
Nem notara nos espelhos o encanto do seu rosto;
Não sentira, nos seus dedos, seus cabelos ondulados,
Nem sabia que os seus olhos têm a graça do Sol-posto.*

«Foi Narciso para junto do seu rio ver as águas...
(Águas mansas como um sonho vagamente pressentido!)
Na esperança de um sossego que curasse as suas mágoas,
Ou de um sonho que encantasse seu espírito dorido.

«Mas olhando, fixamente, para as águas deslizando
Sob o coro dos salgueiros onde os melros assobiam,
Mais atento, mais atento, foi nas águas reparando,
Nessas águas vagarosas que pra longe lhe fugiam...

«É que vira desenhada sobre a face fugidia
Dessas águas do seu rio de tão doce e leve cor,
Linda imagem do seu rosto que de rosa se cobria,
Enleado de receio, todo cheio de pudor...

«E a mirar-se de encantado, e a notar-se se ficou,
Como preso de si próprio, se ficou enamorado.
Morre o dia, nascem trevas... e Narciso não deixou
Esse encanto que nas águas o retinha fascinado!

«E na boca prevertida e enlevada que sorria,
O desejo de outra boca começou a corrompê-lo;
E Narciso, de atraído por si próprio, não sentia
Que nas águas já poisava levemente o seu cabelo.

«Pela imagem de si próprio dominado totalmente,
Pôs os lábios sobre as águas, no prazer de se beijar...
E sentindo-se arrastado pelas águas da corrente,
Quis seu corpo nos seus braços, nos seus braços, abraçar!

«E abraçou-se, longamente, no desvairo sem igual,
A si próprio, sobre as águas que o levavam murmurando,
De si próprio namorado, no desejo divinal
De a si próprio, toda a vida, sem fadiga, se ir amando.

«No outro dia, acariciado pelo vento, com amor,
Baloçando-se de leve na corrente d'água clara,
Viu-se o corpo de Narciso, seduzido-sedutor,
Que encantado de si próprio, se perdera e se matara!»

Um poeta lírico quase sempre enferma do pecado do narcisismo. Não, no sentido freudiano de amar o seu próprio corpo (e até há, na poesia portuguesa, quem revele lampejos desse auto-erotismo, como Botto, Florbela, Judith Teixeira...), mas de amar a sua própria personalidade. Alfredo Pimenta, desde que se conheceu, enamorou-se do seu espírito, da sua inteligência, da sua arte. Foram, aliás, seus mestres literários outros narcisistas como ele: Oscar Wilde, D'Annunzio, Ruben Dario, esse Ruben Dario, que, sentindo-se morrer (recorda-o Pimenta), diria a um amigo, afagando as bandas de seda do *smoking* que envergara: — «Amigo, diz à Posteridade que o poeta morre, mas vestia seda!» (Também o autor de «A Morte de Narciso», permitam-me este parêntesis, conservou, para a Posteridade, o exterior que tão exactamente lhe distinguia as preferências aristocráticas, fiel, sempre, a um figurino de esteta cuidadoso, de delicado cultor da Beleza, que o fazia entalar na órbita direita o brilho irónico e perspicaz do monóculo, lhe lançava sobre os ombros uma ampla capa negra agolada de veludo, lhe enfiava na cabeça de compridas repas um imenso chapéu mole, desabado, e lhe calçava as mãos com umas luvas de impecável alvura. A imagem que Alfredo Pimenta quis deixar-nos de si próprio, para a veneração dos nossos olhos, pouco ou nada se ajustava à do historiador e à do doutrinador severos e probos, ou à do furibundo fundibulário capaz de, camilianamente, varrer uma feira de ideias erradas. Foi, sim, a imagem do poeta que ele também é, e prova bem como bem prezava esta sua real vocação.)

Mas continuemos:

A inteligência de Alfredo Pimenta era altamente digna de ser amada, pela sua extraordinária finura e profundidade. E tal finura e tal profundidade logo advertem o escritor dos perigos do seu narcisismo, de um narcisismo que poderia levá-lo ao extremo nefasto da megalomania, perverter-lhe a alma, fazer dela um monstro de intransigência, arrastá-lo para a morte trágica que é a esterilidade. Esta advertência parece-me tê-la entendido melhor, e mais rápido, o poeta que o pensador. É, pois, o poeta o primeiro a transmiti-la, em verso (sua expressão natural), n'«A Morte de Narciso» que acabei de citar. Por esse motivo, não respeita o poeta Alfredo Pimenta, totalmente, o mito helénico, omitindo-lhe (repare-se!) o principal: o nascimento da flor; deixando, assim, estéril, vazia de sentido, a morte do efebo. Mas o narcisismo de Pimenta não era deste tipo. Ele admirava os seus extraordinários dotes intelectuais e artísticos, mas não os guardava, avaro, para si: punha-os, generoso, ao serviço dos seus ideais, ao serviço da Portugalidade, de que foi Mestre eminente. Isto nos diz o escritor,

a nós e à sua própria inteligência, utilizando o mesmo mito de Narciso, embora sob um prisma original. Di-lo em 1920, no seu livro *Pretextos e Reflexões*, num texto em prosa, ou, com mais exactidão, num poema em prosa, que se esqueceu de recolher, em 1924, no volume intitulado precisamente *Poemas em Prosa*. Ei-lo:

«Um dia, Narciso andava a passear seus males de aborrecido pela floresta sagrada. As borboletas poisavam de leve nos seus cabelos finos, e as árvores floridas sacudiam-se amorosas, para que as suas flores o beijassem quando ele passava. Mas Narciso não reparava nem nas borboletas que poisavam nos seus cabelos, nem nas flores que caíam sobre ele e o envolviam. Nem a si próprio se conhecia, nem de si próprio ouvira falar ainda.

«Um grande tédio fazia-o alheado das coisas e dos deuses. E nunca a sua boca de linhas suaves saboreara a amarga doçura de um beijo fugitivo, nem a efémera doçura de um beijo demorado. Nunca as suas mãos tinham adormecido na tepidez macia de uns cabelos amados, nem o seu corpo tinha vibrado sob o afago de lentas mãos desejadas. Mas naquele dia, Narciso sentia-se inquieto e estranho, no meio do seu aborrecimento e do seu enfado.

«Passeava pela alameda das magnólias em flor. Mas não sentia o perfume desvairante das magnólias — que o seu alheamento era grande, e o seu aborrecimento era maior.

«Porque a caminhada já vinha de longe, certo cansaço o invadia. Deitou-se no tapete fresco da relva, e, os olhos vagos, no espaço vago, deixava-se levar no capricho do seu tédio.

«Mas uma ninfa que por ali andava, presa da sedução do seu próprio sonho, viu Narciso, e, curiosa de fitar os seus olhos cuja cor todos diziam que era bela, aproximou-se do deus aborrecido, que nem a notou sequer. A ninfa fitou os seus olhos, e viu-se nas águas verdes dos seus olhos, e procurou reter na memória a cor e o brilho dos olhos em que se revia.

«Duma alta magnólia, caíram as folhas brancas de uma flor. A ninfa teve medo, e fugiu, assustada...

«Narciso adormecera...

«Já o Sol descia, longe da floresta, no deserto do mar distante, quando Narciso acordou. Ergueu-se e de novo continuou o seu passeio.

«Ao fim da alameda das magnólias, havia um lago de águas tranquilas em que boiavam, sonâmbulos, brancos nenúfares.

«Narciso parou junto ao lago. E apoiando-se nas mãos finas inclinou-se para as águas do lago. E os seus olhos poisaram no espelho adormecido das águas...

«Narciso estremeceu. E os seus olhos fugiram, sobressaltados, para o céu onde pombas alvas traçavam círculos distantes.

«Mas de novo baixou os seus olhos para as águas do lago. E fitou-as, curioso e ansioso. E um leve sorriso desenhou a sua boca, e uma transparente claridade iluminou o seu olhar.

«E Narciso já não tirava os seus olhos das águas do lago — porque andava longe, agora, o seu tédio, e perto, bem perto dele, andava, agora, a sua perdição.

«Pouco a pouco, atraído pela imagem que lhe surgia na transparência das águas, Narciso foi aproximando dessa imagem o seu rosto transfigurado. A sua boca poisou na boca fria da imagem que nas águas o atraía. Não o satisfez o seu beijo. E os seus braços procuraram abraçar a imagem que lhe surgia do fundo das águas. Mas a imagem fugia-lhe como sombra ou como névoa. E Narciso, na ânsia desesperadora de a atingir e prender, de nela confundir o Desejo sagrado que o consumia já, lançou-se no abismo das águas do lago...

«Nesse lugar, nasceu, pouco depois, à flor das águas, uma flor branca que ainda ninguém vira. E os deuses ensinaram aos homens que essa flor era a alma de Narciso, que morrera afogado porque, fitando as águas do lago, vira nelas, e desenhada na cor verde dos seus olhos, uma doce imagem, sedutora e magnífica — que era a imagem daquela ninfa que nos olhos de Narciso, numa tarde, se vira mirada...

«Pela imagem da ninfa se tinha perdido Narciso. E os homens, na sua vaidade mesquinha, pensaram que de si próprio se enamorara, e por amor de si próprio morrera...»

Aqui, sim, o auto-retrato de Alfredo Pimenta ganha linhas correctas e aponta o porvir. Ele, na pele de Narciso, só aparentemente se enamora da sua personalidade. Quem o apaixona é a nobreza e beleza de um ideal (a ninfa, no texto) que chega até ele quando se encontrava desenganado de certas doutrinas efémeras, voláteis (no texto, simbolizadas pela borboleta que é um breve pulsar, pela flor que súbito tomba, a despetalar-se). Só por esse ideal é que vale a pena morrer. Porque, dessa morte, nasce (flor branca, no texto), a mensagem futura.

Alfredo Pimenta toda a vida deu provas do seu amor por um ideal — ideal que se tornou diferente e único após o encontro com a Verdade, na Estrada de Damasco da sua inteligência. Por ele, lutou até à morte. E, apaixonado, morreu. Mas não em vão. Porque nos

legou, a todos, a flor puríssima da sua fé, o vigor da sua doutrina, o exemplo da sua coragem.

Poeta é profeta: «E os homens, na sua vaidade mesquinha, pensaram que de si próprio se enamorara e por amor de si próprio morreria...» Mas destes, meus Senhores, não reza a História.

Funchal de Sintra, 30 de Outubro de 1982.

António Manuel Couto Viana

NOTA

O presente trabalho é uma fusão ampliada dos seguintes textos do autor:

- «Alfredo Pimenta», in *As (E)vocações Literárias* (1980);
- «Alfredo Pimenta», in *Jornal dos Poetas e Trovadores* (n.º 17, Setembro de 1982);
- *Glória e Morte de Narciso no Poeta Alfredo Pimenta*, separata da conferência proferida, a convite da Intervenção Nacionalista, no Colégio Pio XII, de Lisboa, comemorando o 1.º Centenário do Nascimento de Alfredo Pimenta (Janeiro de 1982), e publicada no *Boletim de Trabalhos Históricos* (Volume XXXIII, Guimarães, 1982).